

Dossiê

EVANGÉLICOS E IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA CRENTE PARA ALÉM DO GOSPEL

*EVANGELICAL AND BRAZILIAN
CULTURAL IDENTITY: FAITH-BASED
ARTISTIC PRODUCTION BEYOND
GOSPEL MUSIC*

Ítalo César Barbosa da Silva do Monte* 

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as possíveis relações entre religião e cultura no segmento evangélico. Diante desse tema e a partir de observações do Coletivo Candiero, movimento artístico nordestino feito por jovens cristãos, através de uma abordagem qualitativa, quer-se abrir um diálogo, compartilhando algumas reflexões iniciais de pesquisa a respeito da associação entre produção artística evangélica e identidade cultural brasileira. Assim, pretendo contemplar a seguinte questão de pesquisa: “Pode a arte crente ser simplesmente arte/cultura nacional?” investigando as controvérsias e associações envolvidas na produção cultural evangélica, especialmente aquela que busca expandir a arte crente para além da música gospel e da importada estética worship, como faz o Coletivo Candiero.

Palavras-chave: Cultura; Identidade Nacional; Religião Evangélica.

ABSTRACT

This work aims to discuss the possible relationships between religion and culture within the evangelical segment. Given this theme and based on observations of Coletivo Candiero, a Brazilian Northeastern artistic movement composed of young Christians, through a qualitative approach, the objective of this work is to start a dialogue by sharing some initial research reflections regarding the association between evangelical artistic production and Brazilian cultural identity. Thus, I intend to address the following research question: “Can believer art simply be considered national art/culture?” by investigating the controversies and associations involved in evangelical cultural production, especially those seeking to expand believer art beyond gospel music and the imported worship aesthetic, as does Coletivo Candiero.

Keywords: Culture; National Identity; Evangelical Religion.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como principal objetivo propor uma reflexão crítica, fundamentada em considerações iniciais de pesquisa, sobre a relação entre a produção artística evangélica e a identidade cultural brasileira, tendo como foco o empreendimento cultural do Coletivo Candiero, um movimento artístico protagonizado por cristãos nordestinos. Observando esse grupo, nota-se uma composição musical salmódica de jovens cristãos que estão desafiando a forma dominante da produção cultural evangélica, que corresponde ao louvor e adoração gospels. O coletivo foi criado em 2019 com a pretensão de ser uma resposta à agenda musical gospel brasileira, introduzindo a música cristã nordestina na música brasileira por meio de um movimento que recusa a estética *worship*¹, em busca de uma música composta com responsabilidade teológica, coragem estética e criatividade poética.

A relação entre religião e cultura é objeto de estudo recorrente nas Ciências Sociais. No Brasil, esse fenômeno apresenta variações e controvérsias particulares. Os vínculos entre religião e cultura e a identificação de associações religiosas evangélicas e cultura artística não são bem recepcionados pelas Ciências Sociais, tendo em vista que parte desse campo não compreende as manifestações evangélicas na esfera artística como parte de um repertório cultural “genuinamente” nacional; ou não levam em consideração como essas controvérsias articulam, com sucesso ou não, projetos de integração nacional.

Assim, diante dessas questões e da observação do projeto artístico do Coletivo Candiero, pretende-se contemplar a seguinte questão de pesquisa: Pode a arte crente ser simplesmente arte/cultura nacional? Isso envolve investigar controvérsias e associações envolvidas na produção cultural evangélica, especialmente aquela que busca expandir a arte crente para além da música gospel e da importada estética *worship*, como faz o coletivo.

Com a finalidade de dar conta da pergunta norteadora desta inicial pesquisa, o trabalho realiza o seguinte caminho argumentativo: primeiro, o Coletivo Candiero e sua história são contextualizados, buscando compreender o escopo do seu projeto artístico e como o coletivo aciona, ou não, a noção de identidade brasileira em suas produções. Em seguida, é apresentada brevemente uma fundamentação teórica de cunho antropológico sobre a relação entre cultura e religião, com foco na questão de uma dita “cultura nacional”, a partir de autores como Mafra (2011), Menezes e Bártolo (2019), Sanchis (1994), Mariz e Campos (2014) e Meyer (2018). E, por fim, de maneira reflexiva, é realizada uma aproximação entre o Coletivo Candiero e o

¹ Em tradução livre do inglês, *worship* quer dizer simplesmente “adoração”. Como o vocábulo em língua portuguesa assume uma conotação bastante generalista, o anglicismo sempre é mantido para fazer referência ao estilo de adoração homônimo. Há três características importantes que abrangem esse modelo: o estilo musical, a tendência de culto e a cultura de adoração; que produzem um comportamento cristão mais tradicional diante da “cultura” e da vida no “mundo”.

Movimento Armorial, com a finalidade de refletir sobre a maneira como o coletivo de jovens cristãos pensa a questão da “brasilidade”, tendo como foco ou ponto de partida a “nordestinidade”. Para a construção deste trabalho, foram analisadas algumas produções artísticas e presenças midiáticas do Coletivo Candiero, mais especificamente as postagens de sua página na rede social Instagram, entrevistas de seus integrantes em canais de televisão, jornais e podcasts, e o álbum musical *Colcha de Retalhos*. Além disso, foi realizada uma revisão da literatura antropológica a respeito das relações entre religião evangélica e cultura artística nacional.

SOBRE O COLETIVO CANDIERO

O Coletivo Candiero é um movimento de música feito por jovens cristãos nordestinos. Tem a proposta de mostrar que é possível ser nordestino, viver a brasilidade e ser evangélico. É nesse contexto que o grupo reúne quinze artistas de estilos que vão do baião à música popular brasileira (MPB), passando do samba ao rock, numa tentativa de cantar Deus a partir de uma ótica nordestina. O grupo foi criado devido ao sentimento de isolamento dos artistas diante do mercado musical evangélico, centrado no eixo Sul-Sudeste, e da indignação com o segmento gospel, que traz um estilo musical importado e uma adoração simplista.

Marco Telles e Filipe da Guia, pioneiros do coletivo, recusam a estética gospel pois a consideram, em seus termos, superficial, artificial e mercenária. Para da Guia, que também é diretor musical do grupo, nunca foi um objetivo deles enquanto um novo coletivo cristão acabar com o gospel, mas eles acreditam que o sopro de renovação para a música feita por cristãos de tradição protestante está na exuberante força poética e na criatividade das músicas e dos sotaques nordestinos. Diante disso, o coletivo adota uma postura crítica diante de uma perspectiva que supere a superficialidade gospel convencional que foca mais no mercado e nas fórmulas prontas do que em uma expressão genuína da fé, por assim dizer.

Percebe-se isso também no nome escolhido. A palavra “Candiero”, escrita da forma como o nordestino fala, está ligada também à etimologia da palavra “Candeeiro”, de trazer luz, de iluminar os caminhos. Segundo Marco Telles, o movimento surgiu em 2019 com o escopo de ser uma resposta à agenda musical gospel brasileira, introduzindo a música cristã nordestina, brasileira, em um estilo musical que as pessoas até então só conheciam por meio da importação da estética *worship*.

Os fundadores do Candiero tinham como condição inicial que os artistas ingressantes precisavam ser artistas autorais, nordestinos e cristãos. Em suas composições, enfatizam a brasilidade na sua produção estética musical, em que chama atenção a utilização de elementos ligados a uma noção de “identidade nacional”. Telles afirma que a formação do Coletivo Candiero, em certa dimensão, aproxima-se do Tropicalismo

pela conduta crítica à superficialidade e pelo papel transformador do comportamento social através da estética, das músicas, da poesia e do canto-manifesto.

Apesar disso, há uma diferença fundamental que precisa ser pontuada diante dessa equiparação: enquanto o Tropicalismo, aqui reduzido às figuras de Caetano Veloso e Gilberto Gil, introduziu e subverteu a música e a cultura pop para a cultura brasileira, o Coletivo Candiero, numa espécie de contracultura nordestina, propõe um movimento inverso, de introduzir a música cristã regional nordestina à esfera nacional, tendo, assim, um papel ainda mais agregador à identidade cultural brasileira.

Para além dos fundadores, os demais membros do coletivo também sugerem que o Nordeste tem alimentado a cultura brasileira há séculos com o que há de melhor na literatura, na música, na poesia, na dança, na pintura, no cordel e em tantas outras manifestações artísticas brasileiras. É a partir da valorização desses elementos e expressões que os artistas começam a alimentar a construção de uma música cristã nordestina feita e compreendida nos seus próprios termos.

Com o principal intuito de reafirmar essa brasilidade e os traços nordestinos do louvor cristão, o álbum *Colcha de Retalhos* do Coletivo Candiero atribui clara ênfase ao debate sobre o cantar no Brasil as coisas do Brasil. O álbum é uma forte expressão dos três pilares que sustentam a produção musical do grupo: a responsabilidade teológica, a coragem estética e a criatividade poética, haja vista seu comprometimento com a teologia, o padrão de beleza e o cuidado com a escrita e a variedade estética do canto, como é possível observar no seguinte trecho da canção “Louvor em Brasilês”:

Majestoso é Você / No arpoador a gente te vê / Uma dança de três no frevo de Olinda é Tu outra vez / Kaiapos e Xetas / Nos Tupinambás, a chuva é Você / E em festa de Reis, o doce, o luzeiro / As cores, o cheiro / É tudo resposta a tudo que fez / E é em brasilês que vamos louvar / É vendo o Brasil do lado de cá / Em terra que antes o Teu nome era Tupã / Clareia, traz vida e nos enche desse afã / De Te procurar até Te achar / Cuidando e amando nossa terra e o vasto mar [...]. (Coletivo Candiero, ©2003-2025).

Além da estética poética e diversa das letras do Coletivo, é importante também pontuar a presença sempre marcante de ritmos e instrumentos tipicamente brasileiros em suas canções. É no conjunto de todas essas expressões que a coragem estética do grupo se mostra, fortalecendo aquilo que eles chamam de "canto cristão corajoso", manifestação definida pela apreciação de diversas expressões brasileiras combinadas e utilizadas com a plena convicção de que, apesar de esteticamente distante do gospel, estão sim glorificando a Deus.

Tratando-se de artistas evangélicos que se situam ao Nordeste do Brasil, vale recorrer à fala de Gilberto Freyre na Conferência do Nordeste, ocorrida no Recife entre 22 e 29 de julho de 1962. Nela, Freyre afirma que, apesar do número crescente de cristãos evangélicos no Brasil, à época, ainda não havia surgido um brasileiro de destaque, que, sendo evangélico de nascimento, criado em um ambiente evangélico e alinhado à

interpretação evangélica da vida e da cultura brasileira, se afirmasse como um grande poeta ou escritor em língua portuguesa. Da mesma forma, não houve quem compusesse música genuinamente brasileira inspirada por essa visão, ou um arquiteto de renome que tivesse criado para as igrejas evangélicas tropicais um estilo atualizado original, que não fosse mera imitação do modelo católico ou reprodução do estilo protestante anglo-saxão ou germânico.

No entanto, mesmo tardiamente, o Coletivo Candiero, assim como outros artistas nascidos e criados no meio evangélico, como, por exemplo, Marcos Almeida e Estevão Queiroga, entre outros, produzem ou já produziram arte evangélica de identificação brasileira correspondente ao que expõe Freyre (1962) na Conferência do Nordeste é vista até hoje como um dos mais significativos movimentos de engajamento social de lideranças progressistas cristãs na América Latina.

Dessa forma, é a partir da poesia, teologia e estética que o grupo propõe alternativas no cancionário evangélico brasileiro, utilizando elementos que não se encaixam no rótulo hegemônico gospel. Conforme afirma Marco Telles, quando os cristãos brasileiros resistem aos seus próprios elementos musicais, permitindo, assim, serem despersonalizados pela estética estrangeira dentro da sua própria cultura, eles estão, na verdade, resistindo a uma vontade de Deus de receber louvor de formas distintas. Filipe da Guia afirma ainda que eles não nasceram no Nordeste à toa, há algum propósito divino para eles terem nascido no Nordeste brasileiro. Um desses motivos, pode-se afirmar, seria o de elevar a diversidade cultural nordestina ao contexto nacional. Quanto a isso, Stuart Hall (2003) afirma que a identidade cultural pós-moderna é fragmentada, híbrida e pouco coesa. Isso responde, em certa medida, ao porquê do Coletivo Candiero não se encaixar na estética *gospel* e nem fazer parte de um grupo evangélico hegemônico que se identifica com o *worship*, por exemplo. Nesse sentido, a própria identidade religiosa encontra-se fragmentada e em disputa no contexto cultural pós-moderno, o que demonstra a inadequação do Coletivo Candiero e de tantos outros artistas evangélicos em relação ao gênero *gospel*.

PODE A ARTE CRENTE SER SIMPLEMENTE ARTE/CULTURA NACIONAL?

A relação entre religião e cultura é um tema amplamente investigado nas ciências sociais. Sabe-se que, no contexto brasileiro, esse fenômeno revela nuances e controvérsias que refletem a complexidade de sua diversidade cultural e religiosa.

Para Menezes e Bártolo (2019), as concepções acerca do religioso e do seu lugar na cultura nacional vêm constituindo uma arena de discussões extremamente potente no Brasil contemporâneo. Giumbelli (2021) chama a atenção para que qualquer síntese que busca indicar as relações entre religião e cultura no Brasil contemporâneo é parcial, uma vez que essa relação é inerente ou até mesmo inevitável no contexto brasileiro.

Como mostra Sanchis (1994), a relação entre religião e cultura está diretamente ligada à questão da identidade nacional. O autor situa como o catolicismo, enquanto religião predominante na formação e desenvolvimento do Estado brasileiro, moldou muitas características da identidade nacional através de esforços de sua presença pública. Na esfera musical, essa influência é bastante evidente quando pensamos nos ritmos que marcam a nação, como é o caso da MPB. Clássicos que marcaram a identidade musical nacional possuem letras com referências claramente católicas e, nem por isso, são classificadas como música religiosa, mas simplesmente “nacional”. Podemos associar esse processo ao que Sanchis (1994) chama de uma “cultura católico-brasileira” ou ao argumento de Menezes e Bártolo (2019) sobre a essencialização da identidade nacional por parte do catolicismo. A esse respeito, é possível citar, ainda, a consideração de Mafra (2011), que escreve que a cultura tem a forma da mão do padre, haja vista que a Igreja Católica e o Estado reuniram-se, por assim dizer, na construção de um “retrato fiel” de um Brasil intrinsecamente católico.

Como aponta Almeida (2014), o fenômeno da globalização, as mudanças tecnológicas e a diversidade cultural afetam diretamente a transformação do cenário musical contemporâneo, fazendo com que esse processo de essencialização da identidade nacional pela “música popular brasileira” seja superado pela pluralidade da música evangélica. Essa transformação da cultura, da música e da identidade evangélica pode ser facilmente explicada nos termos daquilo que o antropólogo Néstor Canclini (1997) conceitua como hibridismo cultural, ao afirmar que as identidades não são fixas, são construídas continuamente por meio de trocas culturais, num processo dialógico em que tradições locais dialogam e se transformam a partir de influências globais. Nesse sentido, o hibridismo explica como diferentes grupos evangélicos constroem identidades que refletem tanto a tradição religiosa quanto a modernidade, misturando diversos elementos culturais, como faz o Candiero.

De fato, as definições de “cultura” e “identidade nacional” são impactadas pelas composições religiosas e suas transformações ao longo da história (Mariz & Campos, 2014), o que faz com que as relações entre “religião” e “cultura” carreguem consigo também um terceiro elemento: “política” (Menezes & Bártolo, 2019). Diante disso, é importante observar o atual cenário de virada no cristianismo brasileiro, em que as denominações evangélicas estão superando o catolicismo no posto de “religião predominante da nação”. Com esse contexto, cabe questionar: como os evangélicos podem influenciar na identidade artístico-cultural nacional? Sobre o processo de recomposição religiosa, Menezes e Bártolo (2019, p. 115) escrevem:

Dessa forma, a dinâmica de transformações religiosas que o Brasil atravessa desde os anos 1980 – com a diminuição de católicos, o crescimento massivo de evangélicos, o reforço de identidades religiosas no espaço público e o aumento de conflitos religiosos (Teixeira: Menezes, 2006; 2013) – provocaria ressonâncias nas práticas culturais consideradas tradicionais e populares. À medida que a reconfiguração religiosa do país coloca as concepções tradicionais sobre a cultura nacional em suspensão, surgem disputas pela

inclusão de certas práticas na narrativa nacional e há condenações de outras cuja exclusão se almeja alcançar.

De fato, a arena de disputas que se abre com a reconfiguração religiosa traz novas questões ao debate da “identidade nacional” e tem instigado reflexões interessantes sobre as novas relações entre “religião”, “cultura” e “esfera pública”. Os evangélicos, com seu crescimento massivo na cena religiosa do país, têm inspirado análises importantes a esse respeito. Nesse campo, é possível observar que os vínculos entre as associações religiosas evangélicas e a cultura artística não são bem recepcionados pelas ciências sociais, visto que parte deste campo não compreende as manifestações evangélicas na esfera artística como parte de um repertório cultural “genuinamente” nacional ou não levam em consideração como essas controvérsias articulam, com sucesso ou não, projetos de integração nacional.

Nesse sentido, o Coletivo Candiero se mostra como um ator interessante para análise, pois, à primeira vista, parece representar um empreendimento artístico evangélico que está realizando esforços para disputar um lugar no tal repertório cultural “genuinamente” nacional. Porém, é importante notar, este é um esforço solitário, já que, para fazê-lo, o coletivo nega e se afasta do campo de produção musical evangélico dominante no país, isto é, o gospel. Com isso, pode-se afirmar que o Candiero está na periferia tanto da música nacional como da evangélica.

Com um olhar mais atento ao processo de reconfiguração religiosa do Brasil, não é possível afirmar que a religião evangélica está na direção de assumir o lugar que o catolicismo possuía como religião dominante da nação. Apesar do expressivo crescimento evangélico em cada pesquisa censitária e de sua contundente presença pública, não estamos na direção de uma homogeneização religiosa brasileira, como se poderia apontar, de modo geral, no caso católico durante os séculos de formação do Estado-nação. Nas mudanças que vêm sendo observadas nas últimas décadas, não cresce apenas o número de evangélicos na população, mas também a taxa dos sem religião, a adesão a religiões de matriz africana, bem como novas formas de filiação religiosa no país (Menezes e Bártolo, 2019). Além disso, é fundamental destacar o aumento dos conflitos e disputas religiosas na esfera pública.

Ao que parece, não é possível transpor as análises da influência católica na formação da identidade nacional para o contexto evangélico brasileiro, pois passamos de um estado de homogeneização religiosa, em que realmente a cultura se molda na forma da mão do padre (Mafra, 2011), para um cenário de maior pluralização e, sobretudo, de disputas. Dessa forma, cabe questionar como essa pluralização da esfera religiosa pode impactar as relações entre religião e cultura na formação da identidade nacional.

Nesse sentido, é também necessário prestar atenção para a concepção de “cultura nacional”, visto que, conforme indicam Menezes e Bártolo (2019), esta resulta de

disputas narrativas e negociações de fronteiras. Sendo a cultura um importante campo de disputa (Mafra, 2011), é necessário questionar como os vínculos entre as associações religiosas evangélicas e a cultura artística estão se articulando e como aquelas são recepcionados na esfera artística brasileira. As manifestações evangélicas na esfera artística articulam projetos de integração nacional?

Mafra (2011), em artigo sobre a utilização da cultura como “arma”, explica como líderes religiosos empreenderam esforços para ter seus objetos sagrados reconhecidos como elementos de uma “cultura nacional”, o que foi eficaz no caso católico e, em distintas dimensões, no das religiões afro. A autora questiona as razões de os evangélicos possuírem uma atuação tão desastrosa na esfera da cultura, enquanto são tão eficazes quando se trata de presença política no âmbito nacional. Mafra (2011) chama atenção para a falta de reconhecimento social dos símbolos ou produções sagradas evangélicas como elementos da cultura nacional. A falta de destreza na utilização da “linguagem da cultura” (Mafra, 2011) por parte dos evangélicos dá lugar, na verdade, a uma arena de tensões e controvérsias acerca de sua autenticidade e estratégias de mercado.

Segundo Birgit Meyer (2018), a presença pública da religião só é bem-sucedida se os seus proponentes tiverem a habilidade de se colocarem no mercado da cultura e se incorporarem nas mídias de massa audiovisuais para assegurar sua presença pública. E não há como negar que essa é uma habilidade que o setor brasileiro de música gospel possui. Segundo Silva (2023), os trabalhos acadêmicos que se debruçam sobre a relação entre religião evangélica e cultura “[...] discutem as produções fonográficas da música gospel como um dos principais elementos de uma cultura evangélica, bem como um fator-chave para reivindicações de reconhecimento cultural” (Silva, 2023). No entanto, não é comum que as análises dessa produção cultural e musical a interpretem como participante da esfera artística nacional. Há de se indagar quais critérios, contestações e controvérsias são elencados nesse processo de legitimação.

Sobre estudos da cultura gospel, é possível citar também o trabalho de Rosas (2015), que aponta, no projeto de cultura pública evangélica, um certo esvaziamento, desvalorização e alteração das expressões culturais populares. Comentando sobre o grupo Diante do Trono, grande nome da música gospel brasileira, a autora escreve que:

Os empreendimentos do Diante do Trono foram compreendidos como retratos de uma cultura que não faz apelos nem à tradição nem às raízes étnicas. Sua principal característica é ser pública, conforme disse Emerson Giumbelli, ao sintetizar as observações dele e de autores anteriores quanto a haver, no comportamento evangélico, uma tendência de tornar as práticas de fé visíveis por meio da ocupação de espaços como a rua, os trens, as montanhas, os terrenos de localização privilegiada nas grandes cidades, e assim por diante. (Rosas, 2015, p. 238).

A esse respeito, é importante resgatar a posição crítica do Coletivo Candiero ao campo de produção gospel. Como mencionado, o movimento recusa a estética importada do “gospel” e critica o funcionamento dessa categoria como selo de mercado. Mas,

para além disso, também precisamos notar o próprio caráter de delimitação que essa categoria exerce. Uma compreensão possível é entender que esse termo seria definido em contraposição à esfera secular. Assim, retirar tal categoria de cena para enquadrar qualquer manifestação musical evangélica parece constituir um movimento produtivo de análise, que, seguindo o entendimento de Bielo (2022), faria parte do movimento fundamental de superar o dualismo entre secular e religioso, possibilitando a investigação do religioso também fora da religião. Dessa forma, é preciso questionar a produtividade da categoria “gospel” para as análises antropológicas interessadas na arte evangélica. Sob quais condições a música produzida por evangélicos poderia ser legitimada apenas como MPB, forró, pagode etc., ao invés de MPB gospel, forró gospel e pagod?

Sobre essa questão da função das categorias, é importante notar como o Coletivo Candiero se autodescreve: “Somos um coletivo de música feito por cristãos nordestinos” (Rede Globo, 2023). Para que serve a delimitação “cristãos” utilizada? Essa não será uma questão trabalhada neste artigo, mas sim foco de trabalhos futuros. No entanto, tal questionamento parece nos levar a outro: eles estão disputando o lugar evangélico na identidade nacional ou estão, sobretudo, requerendo um lugar brasileiro, mais especificamente nordestino, na identidade cristã? O duplo esforço de negação e diferenciação do grupo tanto da estética importada do gospel como da dominância do eixo sudestino neste campo, parece nos levar à segunda opção.

Dessa forma, o Coletivo Candiero parece representar um movimento-manifesto de transformação da arte e produção cultural evangélica, buscando a criação de uma música cristã genuinamente brasileira. Diferentemente das características apontadas por Rosas (2015), o Candiero protagoniza uma arte evangélica que aciona e valoriza as expressões culturais populares, a tradição e as raízes étnicas vistas como formadoras do país. Para tal, utiliza elementos associados à “brasilidade” e às raízes populares em sua forma mais diversa, e os interpreta e celebra a partir da adoração de Deus. Esse movimento artístico-intelectual, que pretende louvar em brasilês, insere na produção musical evangélica a identidade nacional de um ponto de vista nordestino.

UM ‘SOPRO’ DE RENOVAÇÃO NA MÚSICA FEITA POR CRISTÃOS NORDESTINOS

Nessa tentativa de compreender como a pluralização da esfera religiosa pode impactar as relações entre religião e cultura na formação da identidade nacional, um exercício reflexivo importante é recorrer ao Movimento Armorial, que teve um papel fundamental para repensar a formação da identidade nacional e que, em certa medida, propôs uma transformação semelhante ao que o Candiero traz, nas suas manifestações, modalidades artísticas diferentes. Em um movimento de afastamento da estética gospel, o Coletivo Candiero propõe um diálogo diferenciado com a cultura popular,

através da utilização de elementos que acionam manifestações populares como um modelo de identificação nacional, como fez o Armorial.

Fundado pelo dramaturgo, poeta e artista plástico paraibano Ariano Suassuna, o Movimento Armorial buscou redimensionar o olhar para a arte popular com o objetivo de criar uma arte erudita através das raízes populares. Como aponta Newton Júnior (1999), “armorial” é um substantivo da língua portuguesa ligado à Heráldica que designa o conjunto de brasões de um povo; seu uso como adjetivo é um neologismo e começou a ser usado por Ariano Suassuna ainda na década de 1950, em títulos e versos de poemas seus. O marco inicial desse movimento deu-se com o “Concerto Pedagógico”, realizado em 18 de outubro de 1970, no Pátio de São Pedro, no Recife, em comemoração aos “Três séculos de música nordestina: do Barroco ao Armorial”. O Movimento Armorial, que, inicialmente, surgiu dentro da universidade, diante de um olhar intelectual, logo expandiu-se para outras esferas sociais, ganhando reconhecimento pela valorização e união de categorias artísticas diferentes.

Como toda proposta artística e cultural, o Movimento Armorial ajudou a transformar a cultura e a identidade nacional, podendo ser compreendido por diferentes perspectivas analíticas. A cultura, no sentido antropológico, pressupõe um gerenciamento das categorias que a compõem, que modelam o comportamento social. Neste sentido, portanto, a tentativa do Armorial de descentralizar, por assim dizer, a noção de uma identidade nacional.

Então, talvez, a primeira grande consequência e, porque não dizer, contribuição do Movimento Armorial, aqui marcado na figura singular de seu fundador, seja que ele proporciona aos indivíduos a possibilidade de se sentirem representados, não por meros personagens ou narrativas de caráter mítico singular, mas pelo contrário, de se sentirem representados pelo povo nordestino, sobretudo sertanejo; proporciona a possibilidade de se enxergarem pelas suas próprias lentes, de se perceberem a partir das suas características, que, no Armorial, não surgem de maneira caricaturada. Outra grande contribuição deixada pelo movimento é a “estética armorial”, já que uma preocupação do movimento era a coerência estética da sua produção, a “beleza das palavras”.

Assim, é possível afirmar que, a partir de uma perspectiva armorial, o coletivo Candiero promove uma dupla descolonização: de um lado, do estrangeiro (pela não importação da música gospel) e, de outro, do eixo sudestino dominante na produção cultural crente brasileira. Como sugere Barros (2013), a partir do conceito de “epistemologias do Sul”, o Coletivo Candiero promove uma música de resistência pelo Sul Global, uma música decolonial, que busca fazer frente ao Norte Global, mais precisamente ao Worship, àquilo que busca, em certa medida, apagar a identidade brasileira. O Candiero diz aos cantores nordestinos, como uma espécie de chamado: “cantem com o sotaque de vocês, cantem para o nosso próprio povo!” (Rede Globo, 2023). Propõe, assim, que as próprias pessoas que seguem os artistas e que estão

conhecendo o Candiero também assumam uma postura de aceitação de sua própria cultura, investindo nos artistas do Nordeste, levando-os para os seus eventos, indicando-os nas redes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo este trabalho, fruto de uma sistematização de reflexões iniciais de pesquisa acerca das relações entre religião, cultura e identidade nacional, reafirmando o objetivo proposto – de discutir as possíveis relações entre religião e cultura no segmento evangélico – bem como trazendo novas pistas fundamentais para futuras investigações, de modo a despertar a atenção para o problema de eventuais pesquisadores interessados. Conforme argumentado, a análise acadêmica constatou um molde católico da “identidade nacional”. Mas tal molde se transforma atualmente: estaria a Igreja Católica perdendo, progressivamente, o protagonismo da composição religiosa brasileira? Essa foi a pergunta que deu origem às reflexões que embasaram este trabalho, que se guiou pelo interesse na investigação da produção artístico-cultural evangélica. Considerando a articulação entre as interfaces da cultura, religião e identidade nacional, o Coletivo Candiero revela-se um objeto empírico capaz de exemplificar algumas das formas pelas quais os cristãos se organizam em torno dessa relação. A proposta deste estudo, fundamentada no conteúdo e na bibliografia apresentados, busca evidenciar as diversas maneiras de articulação entre religião e cultura, a partir da integração de elementos utilizados pelo Coletivo Candiero que são reconhecidos como expressões de uma cultura “genuinamente” brasileira. A proposta deste estudo, baseada no conteúdo e na bibliografia apresentados, ilustra as variadas formas de articulação entre religião e cultura por intermédio da integração de elementos empregados pelo que são reconhecidos como características de uma cultura “genuinamente” brasileira.

A reconfiguração religiosa atual, com o expressivo crescimento evangélico, nos faz questionar se esta religião não poderia ganhar, com o tempo, também influência na formação cultural da nação, ou seja: assim como aconteceu no caso católico, poderia a arte crente ser considerada simplesmente arte/cultura brasileira? No entanto, como foi argumentado, um novo dado entra nessa equação: a pluralização do campo religioso brasileiro e o aumento das disputas religiosas na esfera pública. Os conflitos e tensões nessa arena vêm, cada vez mais, demarcando o lugar em que há ou não evangélicos, como é possível observar pela adição da categoria “gospel” ou “crente” após palavras como “samba”, “MPB”, forró etc. Evidentemente, a utilização desse “selo” serve também como marca de mercado, o que parece ser de interesse da indústria de produção cultural evangélica dominante. Mas toda arte produzida por crentes precisa ter esse delimitador?

O Coletivo Candiero foi observado a partir dessas questões problemáticas, que serviram como lente de análise. Buscou-se compreender, através de uma investigação incipiente do seu empreendimento artístico, como esse movimento aciona a noção de identidade brasileira em suas produções. A investigação, que se iniciou com a procura de um movimento que estaria disputando um lugar evangélico na identidade nacional, foi reconduzida a partir dos dados encontrados: ao que parece, o grupo está, na verdade, requerendo um lugar autenticamente brasileiro na identidade evangélica.

O movimento artístico, intelectual e teológico do Candiero, que surge a partir da negação da estética gospel importada e da sua operacionalização centrada no Sudeste brasileiro, em seus esforços de fazer louvor em brasils, articula a identidade nacional a partir de um ponto de vista nordestino. Com a identificação desse manifesto, foi realizada uma análise reflexiva de comparação do Candiero com o Movimento Armorial para explorar suas possíveis aproximações. O Candiero pode representar um movimento de vanguarda no campo da produção cultural evangélica, que, como indica o próprio coletivo, ainda precisa encontrar formas próprias (e não estrangeiras) de louvar a Deus.

SOBRE O AUTOR

Ítalo César Barbosa da Silva do Monte: Graduando em bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco. Possui interesse nas áreas de teoria antropológica e antropologia da religião com ênfase nas interfaces emoções, arte, política, patrimônios e museus. É membro do OCRE (Observatório de Cultura, Religiosidade e Emoções) vinculado ao Laboratório de Estudos Avançados em Cultura Contemporânea (LEC), do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE. Participante de eventos científicos nacionais, obteve o Prêmio Cris Serra de Melhor Artigo apresentado no 1 Seminário do LABERP (Fundaj/UFPE) - (Re)Invenções: Como pensar a religião hoje? Realizado em abril de 2024.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Ronaldo de. Música gospel e cultura brasileira: a construção de uma identidade evangélica. *Religião & Sociedade*, v. 34, n. 2, p. 11-29, 2014.
2. BARROS, Deolindo de. [Resenha de Epistemologias do Sul, de Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses]. *Ideias*, v. 2, n. 2, p. 223-228, 2013. doi: <https://doi.org/10.20396/ideias.v2i2.8649323>.
3. BIELO, James S. *Antropologia da religião: fundamentos, conceitos e prática*. Petrópolis: Vozes, 2022.
4. CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997.
5. COLETIVO CANDIERO. Louvor em Brasils. In: LETRAS. ©2003-2025. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/coletivo-candiero/louvor-em-brasils/>. Acesso em: 13 mar. 2025.
6. FREYRE, Gilberto. "A tarefa do artista é servir". In: CONFEDERAÇÃO EVANGÉLICA DO BRASIL. Cristo e o processo revolucionário brasileiro. Conferência do Nordeste, IV Reunião de estudos. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Editora Loque Ltda, p. 59-60, 1963.
7. GIUMBELLI, Emerson; PEIXOTO, Fernanda Arêas. (2021), Arte e Religião: passagens, cruzamentos, embates. ABA publicações.
8. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

9. MAFRA, Clara. A “arma da cultura” e os “universalismos parciais”. *Mana*, v. 17, n. 3, p. 607–624, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132011000300005>.
10. MARIZ, Cecília L.; CAMPOS, Roberta B. C. O pentecostalismo muda o brasil? Um debate das ciências sociais brasileiras com a antropologia do cristianismo. In: SCOTT, Parry; CAMPOS, Roberta B. C.; PEREIRA, Fabiana. (Orgs.). *Rumos da Antropologia no Brasil e no mundo: geopolíticas disciplinares*. Recife: UFPE, 2014. p. 193–213.
11. MENEZES, Renata; BÁRTOLO, Lucas. Quando devoção e Carnaval se encontram. *Proa – Revista de Antropologia e Arte*, v. 1, n. 9, p. 96–121, jan./jun. 2019. doi: <https://doi.org/10.20396/proa.v9i1.17281>.
12. MEYER, Birgit. A estética da persuasão: As formas sensoriais do cristianismo global e do pentecostalismo. *Debates do Ner*, v. 19, n. 34, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.89943>.
13. NEWTON JÚNIOR, Carlos. *O pai, o exílio e o reino: a poesia armorial de Ariano Suassuna*. Recife: UFPE, 1999.
14. REDE GLOBO, 2023. *Conversa Com Bial [Coletivo Candiero]*. Globoplay, 04 abr. 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11508108/>. Acesso em: 04 abr. 2024.
15. ROSAS, Nina. *Cultura evangélica e “dominação” do Brasil: música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono*. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
16. SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. *Revista de Antropologia*, v. 37, p. 145–181, 1994. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/398037983/O-Repto-Pentecostal-a-Cultura-Afro-Brasileira-pdf>. Acesso em: 13 mar. 2025.
17. SILVA, Lucas Luiz Ferreira da. “É preciso dialogar”: Articulações entre evangélicos e cultura na Igreja A Ponte de Recife-PE. 2023. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

Submissão em 30 de setembro de 2024.

Aceito em 26 de novembro de 2025.